

Se a ciência busca o invisível e as teorias são enunciadas sobre este invisível, estamos em maus lençóis. É fácil falar-se fidedignamente sobre o que se vê. Mas como poderia uma testemunha falar sobre o que não viu?

Imagine um relógio, igual a todos os relógios que conhecemos, exceto em um ponto: não é possível abri-lo para ver como o mecanismo funciona.

Imagine ainda que uma pessoa, que nunca viu um relógio, deseja compreender o funcionamento daquela máquina.

De que dispõe ela?

Em primeiro lugar ela dispõe dos fatos: um mostrador, com ponteiros que giram regularmente, a velocidade diferentes. Note que *os fatos não explicam nada*. Pelo contrário, eles constituem o problema a ser resolvido.

Não sendo possível abrir a máquina, esta pessoa só disporá de um recurso: *imaginar* como deveria ser uma máquina para produzir os fenômenos que estão frente aos seus olhos.

Seria possível chegar ao mecanismo a partir dos dados?

É lógico que não.

Os dados estabelecem um problema que, para ser resolvido, exige um pulo mental do observador. Ele deve, pela imaginação, construir mentalmente coisas que nunca viu para explicar aquelas que vê.

A organização do nosso sistema planetário como tendo o Sol no centro, as leis de Kepler, o princípio da inércia, a lei da gravitação universal, a teoria da evolução, a idéia do inconsciente (Freud), não são, todas elas, *construções da imaginação*, provocadas por dados problemáticos?

Um cientista sem imaginação é como um pássaro sem asas.

* Situação - E.1 p.15: ALVES, Rubem. Filosofia da Ciência. Editora Brasiliense. 19ª edição – 1994.

Se a ciência busca o invisível e as teorias são enunciadas sobre este invisível, estamos em maus lençóis. É fácil falar-se fidedignamente sobre o que se vê. Mas como poderia uma testemunha falar sobre o que não viu?

Imagine um relógio, igual a todos os relógios que conhecemos, exceto em um ponto: não é possível abri-lo para ver como o mecanismo funciona.

Imagine ainda que uma pessoa, que nunca viu um relógio, deseja compreender o funcionamento daquela máquina.

De que dispõe ela?

Em primeiro lugar ela dispõe dos fatos: um mostrador, com ponteiros que giram regularmente, a velocidade diferentes. Note que *os fatos não explicam nada*. Pelo contrário, eles constituem o problema a ser resolvido.

Não sendo possível abrir a máquina, esta pessoa só disporá de um recurso: *imaginar* como deveria ser uma máquina para produzir os fenômenos que estão frente aos seus olhos.

Seria possível chegar ao mecanismo a partir dos dados?

É lógico que não.

Os dados estabelecem um problema que, para ser resolvido, exige um pulo mental do observador. Ele deve, pela imaginação, construir mentalmente coisas que nunca viu para explicar aquelas que vê.

A organização do nosso sistema planetário como tendo o Sol no centro, as leis de Kepler, o princípio da inércia, a lei da gravitação universal, a teoria da evolução, a idéia do inconsciente (Freud), não são, todas elas, *construções da imaginação*, provocadas por dados problemáticos?

Um cientista sem imaginação é como um pássaro sem asas.

* Situação - E.1 p.15: ALVES, Rubem. Filosofia da Ciência. Editora Brasiliense. 19ª edição – 1994.